

EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E A FIGURA MASCARADA: TEATRO, CULTURA E FORMAÇÃO HUMANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Evânia Moreira de Almeida Melo¹; Emerson Augusto de Medeiros²

¹Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino - PPGEEN, Russas, Ceará, Brasil, evania.melo@aluno.uece.br

² Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Ceará – UECE, emerson.medeiros@ufersa.edu.br

Introdução

As experiências estéticas na Educação Infantil têm sido sutilmente introduzidas aos documentos curriculares oficiais ao longo das implementações, traduzindo mesmo que inicial um reconhecimento a importância das múltiplas linguagens no desenvolvimento das crianças. No entanto, faz-se necessário analisar sobre qual ótica essa incorporação ocorre, pois, a arte não deve ser instrumentalizada como uma simples ferramenta da aprendizagem e muito menos ser subordinada a objetivos de aprendizagem superficiais e definidos somente como um meio de atingir determinadas competências limitantes da reflexão e criticidade.

A pesquisa justifica-se pelo interesse de refletir sobre as políticas curriculares contemporâneas impostas para a Educação Infantil, que demonstram ao mesmo tempo reconhecer a centralidade da experiência, mas adotarem uma visão filosófica pragmática da educação. Nos fazendo refletir sobre a seguinte problemática: Qual o lugar das experiências estéticas nas práticas educativas da Educação Infantil? Para uma análise de nosso questionamento primamos pela introdução das seguintes categorias: Educação Infantil; experiências estéticas; figura mascarada; BNCC.

A categoria “figura mascarada” termo descrito por Gilles Brougère na obra “Brinquedo e Cultura”, traz a máscara não somente como um objeto ou recurso pedagógico, mas instaura uma experiência simbólica que rompe com a imediatividade do cotidiano, permitindo à criança experimentar papéis sociais e criar novas formas de relação com o mundo. Conforme Huizinga (2000), o jogo constitui um elemento fundante da cultura, criando um espaço-tempo próprio no qual regras, sentidos e identidades são temporariamente reorganizados. A experiência de mascarar-se, vestir-se do personagem, insere a criança nesse campo simbólico, no qual o real é transfigurado pela imaginação.

A categoria experiências estéticas, possibilita uma vivência _que pode ser mediada pela figura mascarada_ que pode contribuir para a formação humana ao ampliar o repertório simbólico e expressivo da criança, favorecendo processos de humanização desde a primeira infância. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar a figura mascarada como mediação estética no contexto do teatro e da cultura, discutindo suas implicações para a formação humana da criança em contraste com os limites impostos pelas políticas curriculares da Educação Infantil, em especial a que apresentaremos na categoria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como exemplo de documento de organização curricular nacional.

Abordamos uma perspectiva histórico-cultural, especialmente em Vigotski (2009), acreditamos que a imaginação e o faz de conta apreendidos pela categoria Educação Infantil são compreendidos como atividades psíquicas superiores, que socialmente mediadas e estimuladas, tornam-se fundamentais para o desenvolvimento da consciência.

Acreditamos que a criança mesmo que pequena carrega consigo uma bagagem de experiência, oriunda de sua interação no seio familiar, logo ela não cria a partir do nada. Como um sujeito pensante a criança reelabora elementos de sua realidade objetiva, apropriados culturalmente. A figura da máscara é historicamente presente em rituais teatrais e culturais, podendo emergir como capaz de confrontar concepções empiristas da arte e da infância.

O faz de conta vivenciado com a simbologia da máscara pode permitir que a criança experimente diferentes papéis: familiares, escolares ou até mesmo da influência de meios de comunicação. Permitir o desenvolvimento dessas experiências estéticas, pode auxiliar tanto no desenvolvimento social, quanto do senso crítico de nossas crianças. Para tal temos como objetivo analisar a contribuição das experiências estéticas vivenciadas pela figura mascarada no contexto de Educação Infantil e especificamente refletir sobre o faz de conta representado pela figura mascarada como prática simbólica da realidade, além de observar como a BNCC realiza essa mediação estética nas experiências.

Metodologia

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e teórico-crítica sobre um dos documentos que auxiliam a elaboração do currículo na Educação Infantil, articulada a reflexões oriundas da prática pedagógica na Educação Infantil. A análise fundamenta-se em autores que discutem estética, jogo, teatro, cultura e formação humana, com destaque para a teoria histórico-cultural e a ontologia do ser social. Busca-se uma reflexão, sem assumir caráter descritivo ou narrativo, permitindo o pensamento sobre as contradições entre a experiência estética vivida no cotidiano escolar e os limites impostos pelas normativas curriculares.

Resultados e Discussão

A análise evidenciou que a BNCC (2017), embora reconheça os direitos de aprendizagem relacionados às experiências, tende a enquadrar as práticas estéticas em campos de experiência organizados por objetivos e habilidades. Tal organização revela um limite histórico, na medida em que subordina a experiência estética a uma lógica de controle pedagógico, reduzindo sua dimensão formativa a resultados observáveis e meramente sensoriais.

A máscara, nesse contexto, corre o risco de ser apropriada como atividade esporádicas, associada a datas comemorativas como o carnaval ou projetos pontuais, esvaziando sua potência simbólica e cultural, já que a experiência estética mediada pela figura mascarada tem o potencial de promover uma relação lúdica da criança com a realidade, ao instaurar um campo simbólico no qual o mundo é recriado pela imaginação.

Vigotski (2009), defende que o faz de conta não representa uma fuga do real da realidade, mas uma atividade fundamental para o desenvolvimento cognitivo, como uma forma superior de apropriação de sua realidade. Ao assumir personagens, gestualidades e narrativas, a criança participa de um processo de objetivação simbólica que contribui para a constituição de sua subjetividade e de sua consciência social.

Trazendo a reflexão da ontologia do ser social, conforme Lukács (1978), a arte configura-se como uma forma superior de reflexo da realidade, específica de objetivação humana, por meio da qual o sujeito expressa, elabora e ressignifica sua relação com o mundo. O teatro e a máscara permitem que a criança participe, ainda que de modo inicial, de práticas culturais complexas, historicamente produzidas. Essa participação rompe com concepções tradicionais da infância, reafirmando-a como etapa do desenvolvimento constituída nas relações e nas mediações culturais.

A proposta de inserir no cotidiano da Educação Infantil a prática mediada de experiências estéticas com a figura mascarada, evidencia possibilidades formativas que extrapolam os marcos curriculares prescritos na BNCC (2017). Negar às crianças o acesso às formas culturais mais elaboradas sob o argumento de sua suposta imaturidade significa reforçar desigualdades e empobrecer os processos formativos. A arte, enquanto produção histórica da humanidade, deve constituir-se como direito efetivo desde a infância.

Em contextos pedagógicos nos quais a criança tem acesso a materiais, tempos e espaços para experimentar o jogo simbólico, o teatro e a criação coletiva, a máscara deixa de ser um recurso ilustrativo e passa a operar como mediação estética efetiva. Essas experiências revelam que a formação humana não se dá somente pela execução de habilidades fragmentadas, mas pela apropriação crítica e sensível da cultura.

Conclusões

A análise desenvolvida permite concluir que as experiências estéticas através da figura mascarada, ocupa um lugar central na formação humana da criança na Educação Infantil, pois compreende a mediação estética e cultural. Ao possibilitar experiências simbólicas, imaginativas e coletivas, a máscara amplia as formas de apropriação do mundo e contribui para o desenvolvimento de capacidades humanas superiores.

Contudo, sua potência formativa entra em tensão com os limites impostos pelas políticas curriculares apresentadas na BNCC, que tendem a instrumentalizar a experiência estética. Superar tais limites exige uma mediação pedagógica crítica, capaz de compreender a arte como práxis cultural e a infância como tempo histórico de formação, reafirmando a centralidade da experiência estética na educação das crianças.

Palavras-chave

Educação Infantil. Experiências estéticas. Figura mascarada. BNCC.

Referências

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 2010

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LUKÁCS, György. *Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

VIGOTSKI, Lev S. *A imaginação e a arte na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP